

## À mesa



Pedro Soares

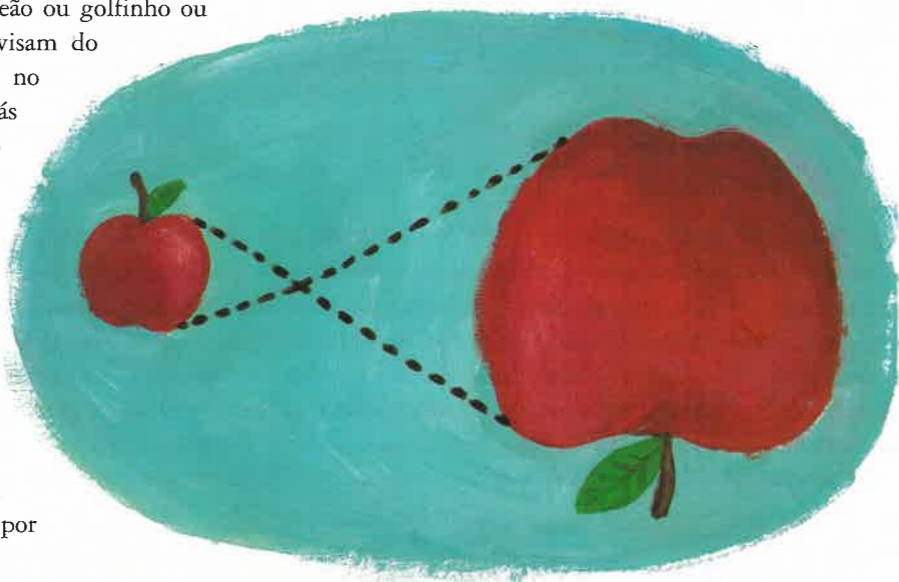
## A maquilhagem

O processamento crescente dos alimentos seduz, fascina, mas também perturba porque esconde, tal como a maquilhagem, o verdadeiro rosto dos produtos originais

“**F**inalmente a viagem conduz à cidade de Tamara. Entra-se nela por ruas peçadas de letreiros que sobressaem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas sim figuras de coisas que significam outras coisas: a tenaz indica a casa do arranca dentes, a garrafa a taverna, a alabarda o corpo da guarda, a balança romana a ervanária. Estátuas e escudos representam leões golfinhos torres estrelas: sinal de que qualquer coisa - sabe-se lá o quê - tem por símbolo um leão ou golfinho ou torre ou estrela. Outros sinais avisam do que num local é proibido - entrar no beco com as carroças, urinar atrás do quiosque, pescar com cana do alto da ponte - e do que é lícito - dar de beber às zebras, jogar à bola, queimar os cadáveres dos parentes... Se um edifício não tiver nenhum letreiro ou figura, a sua própria forma e o lugar que ocupa na ordem da cidade bastam para indicar a sua função... Até as mercadorias que os vendedores põem em exposição nas bancas valem não por

si próprias mas como sinais de outras coisas: a fita bordada para a frente quer dizer elegância, a liteira dourada poder, os volumes de Averróis sapiência, a pulseira para o tornozelo volúpia. O olhar percorre as ruas como páginas escritas: a cidade diz tudo o que devemos pensar, faz-nos repetir o seu discurso, e enquanto julgamos visitar Tamara limitamo-nos a registar os nomes com que ela se define a si mesma e todas as suas partes.

Como realmente é a cidade sob este denso invólucro de



sinais, o que ela contém ou oculta, o homem sai de Tamara sem tê-lo sabido. Fora dela espraia-se a terra vazia até ao horizonte, abre-se o céu por onde correm as nuvens. Na forma que o acaso e o vento dão às nuvens o homem fica logo absorvido a reconhecer figuras: um veleiro, uma mão, um elefante...”\*

**F**inalmente a viagem conduz ao mercado de Eanos. Entra-se nele por corredores acumulados de pequenos anúncios que sobressaem das prateleiras. Os olhos não vêem os alimentos mas sim figuras de alimentos que significam outras coisas: a cor rosa do camarão indica sofisticação, o pequeno aparelho desenhado no fundo da embalagem indica o microondas e a rapidez de preparação, o castanho do farelo significa saúde e mesmo auto-flagelação, a fotografia do peluche a ofertar que se trata de alimento para crianças. Outros sinais, nos rótulos, avisam da quantidade de aditivos, substâncias novas adicionadas aos alimentos permitindo que estes se transformem em figuras de alimentos, tornando-os mais reconhecíveis pelos símbolos que ostentam. Assim o grande M amarelo significa rapidez mas também carne picada entre dois bocados de pão, o telhado vermelho significa recordações de pão, o prateado significa volúpia e prazeres proibidos, o fundo vermelho com a letra C estampa a juventude eterna e o sorriso branco da primeira paixão. O olhar percorre as prateleiras como páginas escritas: o mercado diz-nos tudo o que devemos pensar, permite-nos possuir o que somos levados a desejar, e enquanto julgamos possuir eanos limitamo-nos a registar num talão de compras, os nomes com que ela define o prazer e todas as suas partes.

Como realmente é o alimento sob este denso invólucro de processos tecnológicos e sinais que o descodificam, o mercado de eanos não o permite. Na maior parte das vezes o homem sai de eanos sem tê-lo sabido. Fora dele, já em casa, em frente dos alimentos com os filhos pela frente e com a televisão atrás, o mundo dos alimentos mete-lhe medo. Espraia-se a terra vazia até ao horizonte, abre-se o céu por onde correm as nuvens. E a cada notícia de Brucelose, de Vacas Loucas ou de Pistácios contaminados, o homem fica logo indefeso a reconhecer figuras no céu: um caranguejo, uma mão, uma foice...

\* Excerto retirado do bellissimo livro de Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis* ou como Marco Polo descreveu as cidades que visitou a Kublai Kan, Imperador dos Tártaros. Este livro, tal como uma parte significativa da obra de Calvino foi publicado entre nós pela Editorial Teorema.

## Queques de laranja caseiros

**Ingredientes:** 175 g de farinha de trigo; 125 g de açúcar; 6 claras; 75 g de manteiga; 75 g de margarina; 6 colheres de sopa de leite gordo; 1 colher de chá de fermento em pó, 1 colher de sopa cheia de passas (pretas e pequenas); sumo e raspa de uma laranja; 1 colher de chá de brandy; 1 colher de chá de vinho do Porto. Margarina para untar as formas e farinha para polvinhar. Receita para aproximadamente 20 formas.

**Preparação:** Misture numa tigela a farinha, o açúcar e o fermento. Depois de bem misturado, deite no meio da massa os ovos, o sumo e a raspa de limão, mexendo sempre muito bem com uma colher de pau. Depois à medida que vai continuando a amassar deite o leite, as bebidas, as passas, e, por fim, a manteiga e a margarina derretidas, mas não quentes. Ligue o forno no máximo com o tabuleiro no interior. Entretanto, unte as forminhas com margarina e polvilhe-as com farinha. Deite a massa no interior mas não encha completamente. Retire o tabuleiro do forno e sem deixar arrefecer coloque rapidamente as formas. Volte a colocar o tabuleiro a meio do forno e deixe alourar, vigiando constantemente. Verifique com um palito a cozedura.

## Queques de sabor a laranja

**Ingredientes:** Óleo vegetal, açúcar, ovos, farinha de trigo, amido de milho, levedantes (pirofosfato de sódio, bicarbonato de sódio, e carbonato de cálcio), sal, emulsionante (mono e diglicéridos de ácidos gordos), aroma, e conservante (ácido sórbico).

(Apesar das quantidades de ingredientes não estarem referidas, a ordem decrescente de quantidade, obrigatório em todos os rótulos, significa neste caso que o ingrediente presente em maior quantidade é o óleo vegetal e a seguir o açúcar...)

**Preparação:** Abre-se o pacote de plástico.